Comissão do caso Ana Lídia não sabe por onde começar as investigações

3.8.85 GSP

Repr. geral p/ A.L.

Da Sucursal de Brasília

A comissão de delegados de polícia criada para investigar a morte da menina Ana Lídia, ocorrida a 11 de setembro de 1973, não sabe por onde começar os trabalhos. Só na próxima semana, depois que forem lidos os onze volumes do inquérito policial e também do processo que já correu na Justiça, os delegados vão decidir as diretrizes de investigação e relacionar nomes de suspeitos e testemunhas a serem inqueridas. A informação é do presidente da comissão, delegado Álvaro Caetano dos Santos.

O caso Ana Lídia foi reaberto por ordem do governador do DF, José Aparecido de Oliveira, que se entusiasmou com o esclarecimento do caso Mário Eugênio, em seu governo. Quinta-feira passada, o juiz Elenauro Batista dos Santos, da Vara de Execuções Criminais, remeteu o processo à Delegacia de Homicídios, para que as investigações fossem reiniciadas, com um prazo inicial — prorrogável indefinidamente — de trinta dias. O diretor de Polícia Civil, Rogério Bernardino, criou anteontem a comissão, que será integrada — além do delegado Álvaro Caetano, que a preside — pelos delegados Eurípedes Barbosa (titular da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes), Carlos Shinzo Nakazato (da Corregedoria de Polícia) e Marcolina Ferreira Miranda (assistente da Delegacia de Menores).

Não há intenção dos delegados, pelo menos por enquanto, de exumar o corpo de Alfredo Buzaid Júnior (filho do ministro da Justiça do governo Médici, Alfredo Buzaid), apontado como um dos principais suspeitos do crime e que teria morrido em acidente de carro em 1975. Há desconfianças, na polícia, de que a morte do rapaz foi simulada e que, na verdade, ele mora na Europa. A polícia não pretende, ainda, fazer a exumação do corpo, enterrado em Ponta Grossa-PR, a não ser que colha dados mais confiáveis de que Buzaid Jr. continua vivo.

Os outros suspeitos conhecidos, Álvaro Henrique Braga (irmão de Ana Lídia) e Raimundo Lacerda Duque (amigo da família da vítima), já foram julgados pela Justiça e absolvidos. Não podem ser denunciados novamente, a não ser que surjam fatos novos "de extrema relevância", segundo o delegado Álvaro Caetano.

Ana Lídia, de sete anos, foi raptada, de tarde, à porta do Colégio Madre Carmen Sales, na Asa Norte, por "um rapaz de cor clara, alto, que usava calça verde-oliva", de acordo com a descrição que o jardineiro da escola deu à polícia. Na manhã do dia seguinte, foi encontrada morta, semi-sepultada e nua, em uma área próxima à Universidade de Brasília. No intervalo, a polícia chegou a suspeitar de sequestro, pois se exigiu, em telefonema à 2ª. Delegacia de Polícia, o resgate de Cr$ 2 milhões.

Os pais de Ana Lídia souberam do rapto ao final da tarde, quando a empregada da família foi buscar a menina no colégio e não a encontrou.